

difusão de idéias

Fundação Carlos Chagas • Difusão de Idéias • dezembro/2006 • página 1

VANTAGENS E RISCOS DA PROGRESSÃO CONTINUADA NAS ESCOLAS



Bernardete Gatti: Um país que não tem professores é um país a pé.



difusão de idéias

Fundação Carlos Chagas • Difusão de Idéias • dezembro/2006 • página 2

Em entrevista exclusiva para a FOLHA DIRIGIDA a Coordenadora do Departamento de Pesquisas Educacionais da Fundação Carlos Chagas e membro do Conselho Estadual de Educação de São Paulo, Bernardete Gatti, critica os baixos salários na área educacional e defende a progressão continuada, implantada no ensino estadual no decorrer da última administração, além de abordar outros assuntos considerados polêmicos, como as escolas de lata, a remuneração dos professores no ensino público e os incentivos financeiros promovidos pela administração pública para a área de pesquisas. Veja, a seguir, a entrevista:

FOLHA DIRIGIDA – Em época de eleições para o governo do Estado, um dos pontos mais criticados pelos candidatos de oposição tem sido a progressão continuada. Afirmam que o modelo promove aprovação automática, mesmo sem assimilação dos conteúdos. O próprio secretário de Educação, Gabriel Chalita, já considerou a possibilidade de rever alguns pontos do modelo. Na opinião da senhora quais os pontos frágeis deste modelo e o que pode ser feito para que seja aprimorado?

BERNARDETE GATTI – Em primeiro lugar eu gostaria de fazer uma consideração de que essas análises são muito superficiais e não são baseadas em dados extensos e sim baseadas na opinião casuística de jornalistas sobre crianças que estavam na quinta série sem saber ler. No entanto esses casos tratados nessas reportagens eram de crianças que freqüentaram a escola antes da implantação da progressão continuada, ou seja, esses problemas vieram do sistema antigo. Há um aproveitamento um tanto problemático de um evento esporádico de um aluno dentre milhões. Esclarecido isto, eu diria que ainda existe um ponto que ninguém considera: os professores estão na escola trabalhando quatro, cinco horas por dia com as crianças de 1ª a 8ª séries. Dizer que as crianças não aprendem nada é dizer que os professores não estão trabalhando, ou seja que esses profissionais são inseqüentes. É uma acusação aos professores e não ao sistema. Nesse sentido eu penso que os professores deveriam se sentir bastante ofendidos. Acho isso uma ofensa a todos os professores do Estado de São Paulo. É dizer que eles são vagabundos indiretamente. A função dele no trabalho é ensinar e isso independe de fazer provas, de reprovar



difusão de idéias

Fundação Carlos Chagas • Difusão de Idéias • dezembro/2006 • página 3

ou de punir. Ensinar é ensinar. O problema não está na progressão continuada, o problema está, muitas vezes, em uma discussão ideológica com muito pouco fundamento em pesquisas.

FOLHA DIRIGIDA – Quais os principais reflexos que a progressão continuada causou na Educação de São Paulo, desde que introduzida, além da diminuição da evasão escolar e da repetência?

BERNARDETE GATTI – É uma introdução recente, não é possível ter uma idéia grande. Até me assusta uma discussão sobre uma política tão novíssima. A progressão continuada não tem nem quatro anos. Eu acredito que as pesquisas estão sendo feitas, mas é preciso um tempo maior para avaliação. Agora, com relação à diminuição da evasão escolar eu acho que é o fator mais importante. Manter a criança na escola forma hábitos sociais. A escola não existe somente para ensinar conteúdo, mas também para ensinar modos de viver, cooperação, disciplina, participação e ainda, oferece oportunidades. O aluno aprende uma série de coisas que não existem na rua. A reprovação nós já vimos, só põe os alunos para fora das escolas. Os dados que nós tínhamos na década de 80 eram dramáticos. Nem 30% dos alunos chegavam à 4ª série do primeiro grau. Onde estavam essas crianças? Fora da escola, na rua. Imagina hoje, com o volume de crianças que nós temos que quantidade seria essa. Nós devemos voltar a reprovar sistematicamente essas crianças? Não. Nós temos que ensiná-las e mantê-las nas escolas. Com isso eu penso que o dado mais importante nesse sistema é a diminuição brutal da evasão. Outros efeitos? Eu também acho que os professores tiveram que repensar um pouco suas práticas, isso porque, eles estão confrontados com uma realidade pedagógica diferente. A progressão continuada leva o professor a refletir mais coletivamente. Ele tem que trabalhar mais com seus colegas, portanto quebra um pouco do individualismo que imperava nas escolas. É claro que há muito o que fazer. Se me perguntasse em que o sistema poderia melhorar eu diria que falta uma ação direta com as equipes de professores, no sentido de orientá-los melhor no planejamento de aulas e especialmente no sistema de avaliação. Falta uma ação de corpo a corpo e não só de um grande treinamento.

FOLHA DIRIGIDA – Em artigo incluso na publicação “Textos do Brasil número 7” a senhora fala sobre o crescimento da população em fase escolar, que não vem sendo acompanhado pela quantidade de educadores. Na sua opinião quais os motivos e o que pode ser feito para reverter esta situação?



difusão de idéias

Fundação Carlos Chagas • Difusão de Idéias • dezembro/2006 • página 4

BERNARDETE GATTI – Essa minha afirmação é em relação ao Brasil, porque no estado de São Paulo nós temos até um número excedente de professores na maioria das áreas, com exceção de Física, Química e Matemática. Mas de modo geral de 1ª a 4ª séries, aqui no Estado, nós estamos bem cobertos, mas no Brasil não. É nesse sentido que programas especiais de formação de professores se fazem necessários. Eu conheço alguns, como por exemplo, o Proformação do Ministério da Educação que está formando professores no Norte, Nordeste e Centro-Oeste do país e até agora já são cerca de 50 mil professores que não tinham nem o ensino fundamental e hoje possuem a titulação de ensino médio. Em São Paulo e Paraná existem programas para formação em nível superior, isso porque a formação em nível médio já é garantida. Em Minas existe um projeto para formação em nível universitário oferecida pela Secretaria da Educação aos seus professores. Na minha opinião este é um caminho mais que necessário. Um país que não tem professores é um país a pé.

FOLHA DIRIGIDA – A Lei de Diretrizes e Bases da Educação determina que até 2007 todos os professores devem possuir nível superior. Neste sentido, a própria Secretaria vem promovendo cursos universitários para a capacitação de profissionais que possuem apenas o magistério. Como a senhora avalia estes cursos? Acredita que a meta pode ser atingida sem que sejam descartados muitos profissionais que já atuam na área?

BERNARDETE GATTI – A interpretação da Lei tem sido muito equivocada. Essa questão de até 2007 os professores terem nível superior é um sinalizador da lei que está nas disposições transitórias e o que está nas disposições transitórias não prevalece sobre o corpo da lei. No corpo da lei está garantido que o professor de 1ª a 4ª séries e de educação infantil precisa ter formação de ensino médio. No Brasil seria impossível ter todos os professores até 2007 com nível superior. A lei apenas sinalizou mas não é obrigatório. Acontece que o Governo Federal discursou nessa direção com o objetivo de forçar os Estados a terem programas para melhor formação de professores e as escolas privadas aproveitaram esse discurso para vender seus cursos de Pedagogia em todas as esquinas. A falta de informações corretas aterrorizou os professores. Mas como já disse, a Lei para professores de 1ª a 4ª séries e de educação infantil exige ensino médio, e, quem já está no cargo nunca vai perder seus direitos. Não se perde direitos adquiridos. Uma lei tem vigência da sua data para frente, nunca para trás. Por outro lado é importante que o professor caminhe da sua formação de ensino médio para ensino superior. Isso amplia suas bases culturais e ainda pode oferecer



difusão de idéias

Fundação Carlos Chagas • Difusão de Idéias • dezembro/2006 • página 5

melhores condições para lidar com os alunos que estão expostos num mundo onde a informação circula rapidamente e onde as coisas mudam o tempo todo. É importante que os professores ampliem suas informações.

FOLHA DIRIGIDA – Nos últimos meses muito se falou sobre as escolas de lata, notadas tanto na rede estadual quanto na prefeitura. Fale a respeito, com ênfase em como este tipo de instalação pode prejudicar o andamento pedagógico.

BERNARDETE GATTI – Acho que é um pouco óbvio que uma sala que é um contêiner não é o melhor lugar para se ter aula. Essa situação é um problema que vejo da seguinte forma: se ficar o bicho pega, se correr o bicho come. Se não der uma solução de emergência as crianças ficarão sem escolas. Deste modo, cria-se uma solução rápida, colocam-se contêiners para as crianças terem aulas. O ideal seria outra solução, mas as populações em cidades como São Paulo são muito móveis. Você prevê a construção de uma escola em um lugar, depois de três, quatro anos a população não está mais ali. Mudou, foi para um outro bairro, surpreendendo essa região com uma demanda que não era esperada. Essa situação requer soluções de emergências e alternativas que considero válidas. O que não pode acontecer é tornar essa alternativa permanente. Eu sou favorável que se dê aulas até embaixo de uma árvore, desde que a criança receba algum ensino, tudo é válido. Acho que essa solução de usar contêiner ou qualquer alternativa que utilize material como zinco é péssima, pois é muito quente, a ventilação é problemática. Acho que deveria ser o último recurso. Mas o poder público não pode lançar mão desta solução sempre. Atualmente existem formas de construção muito rápidas, mas quem está no governo conhece a dificuldade que são as licitações, que geralmente levam meses e meses, as vezes um ano e as crianças não podem ficar sem escola durante esse período.

FOLHA DIRIGIDA – Fale um pouco sobre como a senhora idealiza as competências do professor.

BERNARDETE GATTI – Eu não gosto de ficar listando competências. Competência é uma questão muito complexa. É diferente de uma habilidade, como por exemplo de pegar no lápis e escrever. Competência na minha opinião, é por exemplo, uma pessoa ser capaz de compreender uma situação que tem muitos fatores e encaminhar uma solução para o problema. É algo que chamaria de bem humana no sentido que não descarta a sensibilidade



difusão de idéias

Fundação Carlos Chagas • Difusão de Idéias • dezembro/2006 • página 6

aos outros, a situação, a colaboração, o auxílio, a cooperação, a criatividade, a tolerância, é preciso saber entender as diferentes partes que estão se manifestando. Deste modo, eu vejo a competência em um âmbito mais ampliado do que se tem discutido. Acho que o professor precisa ser competente sobretudo na forma de se relacionar com seus alunos, compreendendo as suas necessidades, as formas dele pensar e principalmente viver.

FOLHA DIRIGIDA – O que a senhora acha que pode ser feito no sentido de promover maior valorização profissional dos professores?

BERNARDETE GATTI – Acho que falta por exemplo a mídia se empenhar numa discussão positiva a respeito do papel do professor. A mídia só critica, é sensacionalista. Geralmente procura um problema que aconteceu em uma dentre as mais de 8 mil escolas e mostra esse problema localizado. Eu acredito que a mídia poderia ajudar a construir a figura do professor de uma maneira melhor, uma representação melhor. Em segundo lugar eu acho que deveria ser melhorada a estrutura de carreira de professor. Deveria haver, talvez, uma reformulação. Mas isso demanda uma discussão enorme pois envolve muitos sindicatos e ainda o orçamento do Estado que é amarrado com a Lei de Responsabilidade Fiscal. Eu acredito que nós teríamos que repensar a vinculação do professor na escola e mudar sua carreira. Talvez fazer como em Cuba, onde o professor é polivalente de 1ª a 8ª séries e tem dedicação inteira à escola. Mas para isso seria necessária uma nova concepção sobre a formação do professor, sobre a vinculação do professor à escola e sobretudo sobre o currículo. Tudo isso é muito complicado para a nossa cultura, pois aqui é tudo muito fragmentado com horas/aulas separadas. No entanto, embora seja muito difícil, eu acredito que se houvesse a mudança muitas coisas melhorariam na carreira e nos salários dos professores.

FOLHA DIRIGIDA – Como a senhora avalia atualmente a remuneração dos professores do Estado de São Paulo?

BERNARDETE GATTI – Se compararmos os salários dos professores do Estado de São Paulo com diversos outros poderíamos dizer que a remuneração aqui é uma das melhores. De qualquer forma não é uma remuneração adequada. Acho que melhorou muito, houve uma melhoria significativa em termos de salários. Mas, na minha opinião o professor deveria sempre ganhar muito bem, mais do que muitos outros profissionais. Há muito ainda que ser melhorado e esse assunto deveria passar por uma discussão social mais ampla. Eu não acre-



difusão de idéias

Fundação Carlos Chagas • Difusão de Idéias • dezembro/2006 • página 7

dito que o governo diante da Lei de Responsabilidade Fiscal possa aumentar tanto o salário de professor sem antes fazer uma reformulação da vinculação dele à escola. Ou seja, sem adequar melhor o quadro de professores. É uma negociação muito complicada, pois é preciso trabalhar dentro de um orçamento.

FOLHA DIRIGIDA – Quais os principais problemas enfrentados pelos pesquisadores de educação no Brasil atualmente? Na sua opinião há um devido investimento por parte do governo?

BERNARDETE GATTI – Aqui no Estado de São Paulo nós temos a Fapesp que auxilia e muito. Até onde eu sei os bons pesquisadores da área de educação têm sido contemplados pela Fapesp com verbas significativas, com apoio de infra-estrutura, apoio de reformulação de biblioteca e de equipamentos. A Fapesp dá um auxílio muito pesado para pesquisas em educação, inclusive tem financiado projetos especiais, que são aqueles de escolas públicas em que o pesquisador se compromete a trabalhar junto às escolas e deixar uma contribuição para onde ele estuda. Este foi um projeto muito bem sucedido, contou com muito dinheiro e ainda conta. São projetos realmente importantes. Em nível nacional o CNPq, que financia as pesquisas de um modo geral na área de educação, dando bolsas para os pesquisadores e auxílio para insumos da pesquisa, teve suas verbas muito diminuídas. A contribuição do CNPq tem acontecido através de bolsas para professores pesquisadores, mais do que propriamente para auxílio às pesquisas. Pesquisas em educação também tem recebido apoio de instituições externas como por exemplo a Fulbrigt e a Fundação Ford. A produção de pesquisa no Brasil em educação cresceu muito. Ela é extremamente rica e volumosa. Em congressos tanto nacionais quanto internacionais temos importantes pesquisadores que estão desenvolvendo grandes trabalhos.

FOLHA DIRIGIDA – A senhora considera adequada a forma atual como está sendo feita a distribuição de bolsas pela CAPES para realização de mestrado e doutorado?

BERNARDETE GATTI – Não, eu acho que essa distribuição poderia ser melhorada. Eles introduziram algumas nuances como por exemplos, a bolsa pagar apenas algumas mensalidades, ou dividir a bolsa ao meio. Eles facilitaram muito a concessão da bolsa, mas eu acho que o modelo da CAPES precisaria ser revisto. Nós temos alguns estudos mostrando que há áreas que precisariam de mais bolsas para poder estimular o jovem a permanecer



difusão de idéias

Fundação Carlos Chagas • Difusão de Idéias • dezembro/2006 • página 8

fazendo seus mestrados e doutorados. As áreas duras como Física e Matemática, dominam a política da CAPES e as de humanas acabam sendo prejudicadas. Em humanas existem áreas que necessitam de tempo maior para assimilação de certos conhecimentos, o que é muito diferente do tempo tecnológico ou das ciências mais básicas como Física ou Química. Assim, a duração da bolsa é um problema. Dois anos para mestrado em uma área como Ciências Sociais é muito pouco, como na área de educação, que exige um nível de leitura extremamente grande. Já em áreas como Física ou Química, que são muito especializadas, o tempo para se aprofundar pode ser menor. Eu penso que deveria haver distinção de situações para concessões de bolsas. Outro ponto que penso que deveria ser visto é o apoio ao aluno trabalhador. A Capes não dá esse apoio e nem todo mundo pode dispensar o trabalho para estudar, muitos já têm família. Seria necessário pensar como combinar o trabalho dos alunos com o estímulo de uma bolsa para ele realmente agüentar o baque de trabalhar e fazer curso. A Capes pensa muito pouco no aluno trabalhador. E a condição do aluno no Brasil é de aluno trabalhador.

FOLHA DIRIGIDA – Na sua opinião quais os problemas principais atuais e históricos do ensino superior público no Brasil?

BERNARDETE GATTI – Os problemas são diversos, como por exemplo a estrutura curricular que é muito ruim. Ela obriga o aluno com 16, 17, 18 anos fazer uma escolha definitiva de carreira. Na Universidade de São Paulo por exemplo, se o aluno faz um vestibular para politécnica que é muito difícil de entrar, e, depois de um tempo descobre que não era a carreira desejada e sim de Matemática, é preciso fazer outro vestibular, isso é um absurdo. Nós temos uma concepção muito fragmentada e muito profissionalizante. Os meus colegas da USP vão achar ruim, mas eles têm uma visão muito profissionalizante, eles pensam na formação do físico, do químico, do engenheiro, eles não pensam em universidade. Em geral, nas universidades de outros países o aluno escolhe uma grande área para sua formação, com muitas opções em disciplinas e depois de dois anos ele se encaminha em uma direção, ele se candidata para uma determinada carreira. Portanto a universidade é concebida como uma universidade mesmo, um lugar em que o aluno vai desenvolver sua cultura. Nós tentamos aqui esse método com cursos básicos, mas com a nossa cabeça de gavetinha não dá. Enquanto nós tivermos cabeça de gaveta não será possível ter uma estrutura de ensino superior boa. Outro problema é que aqui proliferam faculdades isoladas, há faculda-



difusão de idéias

Fundação Carlos Chagas • Difusão de Idéias • dezembro/2006 • página 9

de de direito, de engenharia, de isso e de aquilo... Necessariamente o alunado já se dirige para uma profissão, o que fecha suas opções. Um segundo problema que eu vejo é a forma da contratação dos professores – tirando as universidades consideradas boas, que têm carreira, onde o professor tem horas no seu contrato para atender alunos, para preparação de aulas e para pesquisa – a maioria das universidades, em grande parte privadas, têm professores horistas que são pagos pelas aulas que oferecem. São pouquíssimos os professores que recebem algumas horas/aulas para fazerem pesquisa e isso é uma vergonha. É muito difícil. Esse professor é itinerante, ele dá duas aulas em uma universidade, três em outra e sai correndo de um lado a outro para ter um salário decente. Também falta na formação do professor universitário uma formação pedagógica. No nível superior as pessoas pensam que possuindo conhecimento em determinada disciplina estão aptas para dar aulas e isso não é verdade. Ele está trabalhando com jovens adolescentes ainda, que precisam ser compreendidos em seus desenvolvimentos cognitivo, social e emocional. E há um enfrentamento muito grande entre professores e alunos neste período na universidade. Isso porque os professores não estão preparados pedagogicamente para lidar com alunos. O professor pode ser expert na sua disciplina, mas péssimo professor. E isso não tem sido pensado, há necessidade de preparar o professor de nível superior pedagogicamente.

FOLHA DIRIGIDA – Existe algum trabalho na área de pesquisa atualmente sendo realizado pela Fundação Carlos Chagas que a senhora gostaria de destacar?

BERNARDETE GATTI – Temos aqui vários grupos de pesquisa. Por exemplo, um projeto financiado pela Fapesp, onde é estudada a questão da relação educação - trabalho, não a partir da escola para a profissão, mas a partir da fábrica para escola. Os pesquisadores foram estudar na indústria como é a vida dos operários e como isso está vinculado à escola. Se há uma formação escolarizada ou não. Também temos uma pesquisa grande na área da família e o papel da família na educação, discutindo inclusive o papel do homem, da mulher e raça. Um outro programa que temos está sendo desenvolvido junto com a Fundação Ford para concessão de bolsas de mestrado e doutorado para pessoas realmente de baixa renda, especialmente pessoas de etnias não privilegiadas nas universidades como, por exemplo, índios, negros e mulatos. Nós acabamos de fazer um grande concurso para essas bolsas que registrou mais de mil candidatos em todo o Brasil para 42 vagas. Foi um trabalho muito insano selecionar estas pessoas. A primeira seleção foi verificar quem era realmente caren-



difusão de idéias

Fundação Carlos Chagas • Difusão de Idéias • dezembro/2006 • página 10

te, quem tinha necessidade e quem tinha uma inserção comunitária importante. Desses mil foram selecionados 200, e desses, através de entrevistas foram selecionados 42, que vão começar seus cursos agora, alguns no Brasil e outros no exterior. Esse programa vai durar dez anos. Nós acreditamos que à medida que essas pessoas tem uma inserção comunitária importante e forem para mestrado e doutorado farão com que suas comunidades também tenham ganhos e que outros passem a alimentar esse desejo de estudar e forcem uma entrada nas universidades. Esse programa é muito grande e está vinculado a pesquisa sobre as condições dessas pessoas, sobre vinculações de sua origem e como conseguiram superar as condições da sua origem e ir para a frente. Para eles chegarem a demandar uma bolsa de mestrado ou doutorado eles já fizeram um esforço enorme para sair de uma situação onde tudo indica que teriam poucas chances. Que condições levaram essas pessoas a galgar até esse ponto, procurar outros espaços? Acoplada a isto será realizada uma outra pesquisa de acompanhamento, para ver como essas pessoas vão posteriormente se inserir socialmente. Nós temos um outro projeto na educação infantil, que aponta as condições em que a educação infantil pode ser bem desenvolvida e está vinculada a uma série de análises sobre a história da educação infantil, como ela foi constituída. Nós damos pouca importância a história, mas a história cria vínculos e contingências das quais não se pode escapar. Se as pessoas puderem compreender a história será possível dar saltos. Nós tem um grupo que está recompondo a história da educação infantil do Brasil e ao mesmo tempo está trabalhando para a reformulação da educação infantil do Brasil.

FOLHA DIRIGIDA – Para finalizar, a senhora gostaria de deixar uma mensagem aos educadores em comemoração ao dia do professor?

BERNARDETE GATTI – A minha mensagem é a seguinte: valorizem a si mesmos! Acho que a pessoa que se valoriza acaba impondo esta valorização socialmente. Não se deixe intimidar pelos críticos de todas as naturezas, como políticos, acadêmicos das universidades que costumam falar mal dos professores, pesquisadores e outros. Eu acho que o professor deve se autovalorizar, deve ser um profissional que se define como um profissional e se coloca como um profissional, para ser bem respeitado. É isso o que desejo que os professores façam.

Entrevista concedida à FOLHA DIRIGIDA,
em outubro de 2002.